

O Dhamma e Venezuela



Fui convidado a escrever um pequeno artigo sobre a experiência na gestão dos cursos de Vipassana na Venezuela durante esses tempos. Desta forma, eu teria que falar – **primeiro** – desses tempos, com equanimidade, e da maneira mais objetiva possível. Vamos começar explicando que há mais ou menos quatro anos a situação do país mudou tão extraordinariamente que a vida dos que residem aqui nos obriga a assumir, como cotidiano e normal, uma série de circunstâncias muitas vezes incompreensíveis, inimagináveis ou até mesmo incríveis em comparação com a “realidade” do resto do mundo e do nosso passado.

Para ilustrar o que quero dizer, digo-lhe que coisas triviais e comuns, como obter combustível, alimentos, remédios, dinheiro em espécie são para qualquer habitante deste país– **odisseias** – em um sentido estritamente literal. Além disso, uma das consequências dessa realidade é que o ânimo coletivo tem se tornado rarefeito, então, um povo outrora famoso pela sua alegria e simpatia, está se tornando cada vez mais em um coletivo áspero e agressivo.

Como essa realidade afeta a gestão dos cursos de Vipassana? Eu lhes explicarei de uma forma mais ou menos cronológica – **ou crono ilógica** – dependendo de como é visto. A primeira área que sofreu notavelmente foi a logística de abastecimento e preparação de alimentos, porque chegou a um ponto em que simplesmente não conseguimos obter os alimentos necessários.

Então começamos a reduzir ao mínimo os nossos requerimentos; no passado tínhamos granola, produtos lácteos, biscoitos, geléias, doces, sobremesas, condimentos, especiarias e um longo etcétera de suprimentos que compreendíamos

que não eram – **em absoluto** – indispensáveis. Também tivemos que pedir aos estudantes que se inscrevem nos cursos para contribuir com parte dos suprimentos, especificamente aqueles ingredientes impossíveis de obter em grandes quantidades, tais como cereais, farinhas, óleos, edulcorantes etc. E isso tem gerado várias consequências; a primeira é que, é literalmente impossível prever que tipo de comida e qual quantidade vamos receber para cada curso, por isso, tivemos de criar um modelo de gestão de suprimentos que se adapte à incerteza. Também temos aprendido e desenvolvido uma grande variedade de técnicas e receitas de modo que, apesar da imprevisibilidade e das limitações, a comida oferecida aos alunos seja nutritiva, agradável e abundante.

Enquanto abordávamos a questão da alimentação, outras dificuldades começaram a surgir – **como as rãs na monção**. Uma das mais complexas é a questão do acesso ao centro, porque as condições de segurança deterioraram-se a tal ponto que temos tido que nos encarregar do transporte dos estudantes desde a rodoviária da cidade mais próxima até o Centro em ônibus alugados, tentando fazer com que os estudantes não utilizem seus veículos para participar dos cursos.

Além disso, a manutenção e a melhoria de nossas instalações se tornaram muito complexas e caras, por isso, temos reduzido ao mínimo as nossas expectativas, concentrando-nos em manter e, de fato, aumentar o número de cursos, adaptando nossa funcionalidade às realidades existentes.

No entanto, o mais importante deste artigo, e desta experiência, é que essas dificuldades têm nos ensinado e nos forçaram a aprofundar mais na técnica, aceitando a realidade, desenvolvendo uma profunda paciência e fortalecendo a persistência, gerando uma infinita compaixão por tudo o que nos rodeia, e acima de tudo agradecendo a joia dada pelo Buda através de nossos professores, que nos permite fazer frente a um devir tão complexo e tortuoso, manter o foco no Dhamma e o sorriso em nossos lábios.

Pôr o foco no real. Tempestade flexibilidade, paz.